

Diálogos Mecila #09 – Diante das leis II: negociando a violência

- *“Perdeu, perdeu, seus filha da p*”, levanta a blusa.*

- *“Para, Polícia. Larga a arma. Larga a arma. Vira para o outro lado, vira de costas pra mim. Vira de costas. Vira de costas e coloca a mão na cabeça.*

- *Atirei e atiraria de novo. Coragem, eu tenho.*

Raphael

As imagens são filmadas por uma câmera de segurança. No quadro, vemos um rapaz armado abordando um grupo de pessoas em frente a uma escola. Uma dublagem ajuda a construir os personagens. Do canto direito da cena, surge uma mulher de blusa rosa e calça jeans, com uma bolsa a tira-colo, empunhando um revólver.

Ela dá três disparos no homem, que cai sobre a faixa de pedestres. Ela permanece apontado a arma para ele no chão. A cena corta. Agora vemos em close a mesma mulher com uma farda de policial militar, olhando diretamente para a câmera.

Sobe o número da então candidata a deputada federal Katia Sastre. As imagens da câmera de segurança usadas nessa propaganda eleitoral são reais, e registram o evento que lançou a mãe-policial à fama.

Ela estava de folga naquela dia e ia buscar a filha na escola, no município de Suzano, grande São Paulo, quando se deparou com o assaltante e decidiu agir para contê-lo. Elivelton Neves Moreira é quem recebeu os três disparos da policial. Ele não aguentaria os ferimentos e morreria no hospital naquele mesmo dia.

A ação de Kátia se tornou notícia instantânea e lhe renderia homenagens, como a coroa de flores que recebeu no dia seguinte, dia das mães, do então governador de São Paulo, Márcio França. Nesse mesmo ano de 2018 ela se lançaria candidata a deputada federal, sendo a sétima mais votada em todo o estado.



O que se espera que um policial faça nas ruas? Como se constrói nos policiais a motivação para agir da forma que agem? Pra muita gente, o papel das forças de segurança parece ser sinônimo de uso a violência. Mas como a distribuição dessa violência afeta diferentes indivíduos e grupos?

São essas questões que movem a segunda parte de “diante das leis” aqui no Diálogos Mecila. Se você não ouviu a primeira, é só buscar nosso episódio anterior. Mas não tem problema se você quiser ouvi-lo depois.

Bem-vindas e bem-vindos a mais um episódio do Diálogos Mecila.

* * *

Em suas idas a campo para acompanhar o trabalho da polícia, a antropóloga Susana Durão já chegou até a ser apresentada ela mesmo como uma policial. A situação aconteceu em Lisboa, num dia em que ela estava junto de dois oficiais que buscavam um rapaz suspeito de ser um traficante de drogas local.

Apressados, os policiais forçaram a entrada num apartamento para poderem observar pela janela um café onde o rapaz poderia estar. Susana entrou junto, como parte da ação.

Mas, ao contrário dos policiais, vamos deixar ela se apresentar de fato aqui.

SUSANA

Meu nome é Susana Durão eu sou antropóloga, sou professora de antropologia no IFCH que é o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Os temas que eu tenho trabalhado mais tem sido realmente pesquisa sobre policiamento, sobre instituições do Estado, também sobre segurança privada agora mais e também muito centrado na questão do trabalho, das profissões, das organizações de um ponto de vista mais etnográfico mesmo.

Raphael

A Susana é uma das Senior Fellows do Mecila em 2020. Ela tem um extenso trabalho sobre o papel das polícias e sobre a formação e atuação de agentes de segurança, tanto pública como privada. Com ela vamos observar mais de perto a



conduta policial e qual o custo de pensar segurança como uma forma de distribuir violência.

Assumir esse ponto de vista etnográfico do qual a Susana falou é colocar-se como um observador participante das situações que se está investigando. No episódio passado a gente viu como o Gabriel Feltran, ao estudar as relações criadas pelo crime, também faz isso.

E a Susana tem uma consideração interessante sobre esse modo de trabalho.

SUSANA

A abordagem etnográfica permite que você consiga perceber as ligações entre o que as pessoas fazem e o que elas dizem. Enquanto que muitas vezes nas outras abordagens metodológicas você só tem o que as pessoas dizem, não pode perceber o que as pessoas fazem.

Raphael

A Susana faz etnografias do policiamento, o que não se limita a apenas contar de dentro as histórias de operações policiais.

SUSANA

Não é uma questão só de retratar a realidade, a etnografia não retrata apenas a realidade. A etnografia do policiamento ela não é para retratar as dimensões mais intersubjetivas apenas da vida social, ela pretende também contribuir para as teorias do Estado, as teorias da polícia, as teorias da segurança. Então esse é uma chave que não se pode perder de vista.

Raphael

E, pensando nisso, há três coisas que a Susana aponta que devem ser consideradas quando a gente observa o trabalho da polícia.

SUSANA

Eu fiquei pensando o seguinte, quando os policiais são colocados em sua atividade, que é uma atividade pública, a atividade policial, eles têm que lidar com pelo menos três aspectos. Eles têm que lidar com a apreciação social do seu trabalho, eles têm que lidar com a apreciação que as pessoas fazem acerca do que é polícia e do que é o policiamento, como é que elas devem agir. Eles têm que lidar com a pressão política, porque geralmente



estão subordinados aos governos de Estado, então eles têm que responder também os seus comandantes, tem que responder aos governos de Estados e também são obrigados a responder aos seus comandantes. E também eles têm as suas próprias motivações o seu próprio imaginário, que é um imaginário que cruza a história, a história das corporações, que cruza as suas próprias trajetórias pessoais, muitas vezes de classe também.

Raphael

Quando a gente leva em conta essa teia de relações, dá pra perceber que o comportamento de um policial não pode ser simplesmente explicado pelo desejo de fazer justiça com as próprias mãos.

Se um policial age nos limites da lei, isso se deve a uma série de convergências. Uma dessas convergências existe entre o que aquele indivíduo pode obter com isso e como a instituição policial está desenhada

SUSANA

O que eu mostro é que esses arranjos são feitos a partir de acordos com os superiores, de cumplicidade com seus colegas, com seus companheiros, motivações pessoais, porque muitas vezes fazer algo um pouco no limite da lei pode resultar numa promoção porque é considerado um ato de coragem, por exemplo. Pode ser considerado alguém que tenha coragem de fazer alguma coisa fora do parâmetro, ou também pode representar algum ganho de popularidade.

Raphael

E, por outro lado, há também uma convergência da ação do policial com as expectativas políticas e sociais sobre o que o trabalho da polícia deve ser.

SUSANA

Para muitos policiais existe o entendimento de que o que eles fazem não é necessariamente na margem da lei. Para muitos policiais que estão acostumados a lidar com uma narrativa em que se pede a eles para acabar com o crime, extinguir o crime, para esses policiais extinguir o crime é o objetivo principal da sua conduta, ou justifica uma conduta que nos termos da lei não é a conduta autorizada. Mas se é socialmente, ou uma fração da sociedade autoriza, dá a licença aos policiais para eles atuarem dessa forma...



Raphael

Boa parte do trabalho etnográfico feito pela Susana aconteceu em Portugal. O país teve uma das ditaduras mais longevas do século 20, de 1926 até 1974, o que deixaria forte herança autoritária em suas forças policiais.

Essa imagem autoritária passaria a ser combatida com um processo de reforma de parte da polícia portuguesa a partir de meados dos anos 90 através da criação do Programa Integrado de Policiamento de Proximidade.

Esse novo modelo pressupõe uma atuação mais descentralizada da polícia e mais atenta às demandas de realidades locais, com abertura para a participação dos cidadãos nas políticas públicas de policiamento e definição de seus objetivos.

A implementação desse modelo não deixa de ter diversas falhas e dificuldades, mas é um processo que contribuiu para transformar as expectativas da sociedade portuguesa em relação ao trabalho da polícia.

SUSANA

No momento histórico em que foi feito uma espécie de acordo de sistema, em que o policiamento deveria ser um policiamento mais orientado para os direitos humanos e para a não letalidade, o que acontece? Os policiais tinham medo, tinham receio de agir nas margens da lei, não só porque seriam mais punidos, mas porque socialmente também não era esperado, nem politicamente, que eles agissem de outra forma. Então, assim, o uso da arma foi contido de certa forma porque socialmente não se esperava que a polícia saísse a atirar na rua.

Raphael

Esse é um cenário que parece bastante distante do que vemos no Brasil hoje.

SUSANA

Enquanto que nós temos no Brasil uma situação muito difícil de lidar, que é, com largas franjas da sociedade, que acredita que um policial é um franco atirador, um policial que vai atirar para matar o bandido, é a missão dele, é o trabalho dele, fica muito difícil de conseguir trabalhar com os próprios policiais no sentido de mudar esse princípio de atuação. Um fator fundamental é essa ideia de uma certa espetacularização do policiamento



associada à ideia de proteção da soberania, a ideia de proteção das cidades, a ideia, por exemplo, muitas vezes, nós vimos isso em 2018, os governadores se elegem... é no momento da eleição que eles mais usam o jargão violento da polícia violenta.

* * *

Raphael

A violência é espetáculo antigo na mídia brasileira.

Luiz Carlos Alborghetti

Lugar de bandido, não é na cadeia, pra comer às custas dos seus impostos. É no cemitério, enterrado em pé para não ocupar espaço.

Raphael

A máxima do “bandido bom é bandido morto” até hoje faz a fama de apresentadores de televisão por todo o país, que quase todos os dias passam horas narrando cenas da violência urbana e exaltando o trabalho da polícia.

Sikera Junior

Ei, psiu, você de casa, estude! Estude até poder ter uma arma e um distintivo e dizer “polícia!”

Ehhhh!

“Mão na cabeça, filho de rapariga. Ahhh!!”

Ehhh!

“Agora se mexa, pra eu poder lhe matar!”

Ehhhh!

Raphael

Mas esses discursos não estão só na boca de apresentadores que atuam como um tipo de palhaços do crime. São também incorporados como arsenal político, em propostas e posturas em que a violência e letalidade são as linhas de força de políticas públicas.

João Dória

Bandido que tiver a coragem de reagir pra Polícia Militar, a Polícia Militar vai atirar pra imobilizar, não vai pra matar, pra imobilizar. Mas se continuar a reagir, vai atirar pra colocar no cemitério.



Raphael 13:22

Esse era o atual governador de São Paulo, João Dória, quando era ainda candidato ao governo do estado em 2018. Justamente nessa entrevista, Dória estava atenuando uma fala que havia feito dias antes para outro veículo de imprensa sobre o que espera da polícia. Ele agora inclui o tiro de imobilização pra suavizar a declaração.

SUSANA

Essa ideia de que a gestão da morte, a gestão da letalidade, a gestão do assassinato, a gestão do uso da violência letal, que ela é mais um componente da atividade política. A maior parte dos policiais militares de base não acreditam que o melhor sistema seja serem militarizados, que o melhor seria desmilitarizar a polícia. Não é um todo homogêneo, mas também não se pode dizer que a violência seja efetuada só por algumas pessoas que se deixaram corromper. Não é nem uma narrativa, nem outra, o que nós vemos é que é um campo de disputas mesmo e que a polícia internamente ela também se politizou imensamente.

Então ao tornar, digamos assim, a polícia como um bem político, como uma mercadoria política, como diz o Mises e ao tornar o policiamento parte da mercadoria política, todo mundo a disputa. Você vê que o Bolsonaro se elegeu em cima de um apoio das bases das policias e dos militares. Só que o problema principal, e isso que é um problema ético profundo, é que você está lidando com gente que tem poder e força, poder de matar e força.

Raphael

Neste cenário em que a polícia se torna um bem político, a distribuição da violência aparece como um aspecto central, como se ela fosse o elemento fundamental para se garantir a segurança pública.

SUSANA

O que o Weber diz é que o policiamento é uma forma de domesticar, porque é legitimar a violência, então é uma forma de domesticar a violência, de gerir.



Raphael

Susana faz aqui uma referência ao sociólogo alemão Max Weber, que refletiu sobre o papel do Estado no uso e gestão da violência.

SUSANA

Enquanto que o que nós estamos a ver aqui é o contrário, a violência acaba por ser uma narrativa totalizante e ela é usada nas mais diversas formas, inclusive a política. A violência policial, ela é usada politicamente. Não é mais sobre legitimidade, não é mais sobre a lei, é sobre política, é uma negociação, a violência é uma negociação.

Raphael

O negócio da violência envolve as mais diversas trocas. A violência é um capital que pode ser investido na construção da figura heroica de um ou uma policial, pavimentando o caminho para sua atuação política.

A violência é também aquilo que confere valor a uma forma de pensar e atuar na segurança. Uma forma que as instituições decidem bancar.

Quando uma ação violenta da polícia que tensiona a lei é legitimada, parecem se expandir os limites do que é possível um policial fazer

SUSANA

Se ele entrar nessa negociação da violência, se essa possibilidade de sair incólume, dessa possibilidade de não ser pego, dessa possibilidade de não ser preso, que é sempre uma possibilidade. Nessa possibilidade de negociar a sua liberdade depois de ser pego, há muitas possibilidades né. Elas são criativas que elas permitem, por exemplo, que um policial que mata ele pode existir toda vida a matar, pode existir sem que nada lhe aconteça. Também pode acontecer, não pode ser pego na malha, as corregedorias, tem órgãos de fiscalizam a ação. Não é dizer que a polícia não tem fiscalização, ela tem fiscalização, mas há negociação nessa fiscalização, em tudo há negociação, você entende?

Raphael

E isso tem um custo.



Quando a violência torna-se a moeda de troca da segurança, perdem-se de vista outras formas de pensá-la.

Esse debate é tão difícil de ser feito publicamente, que tão logo ele é colocado, já aparecerá alguém sugerindo que se leve o bandido pra casa. Mas esse lugar da violência como elemento da atividade policial está longe de ser natural.

SUSANA

Se a negociação da violência é um dado, se esse é o ponto de partida para os policiais, se não têm outras dimensões que dizem "calma nós temos aqui um uso profissional da força, nós temos outras formas de agir, nós temos como fazer mais trabalho de inteligência, trabalho de investigação criminal primeiro antes de agir. Vamos fazer menos operações policiais, operações surpresas e vamos antes fazer uma investigação criminal em relação a determinados traficantes mais importantes que têm uma repercussão, que tem um recado imenso debaixo deles."

Mas não é isso que acontece, não é isso que acontece no Brasil. Você está primeiramente a convidar a policia militar a fazer operações policiais de surpresa, violentas e que matam civis também. Matam a população local, que matam pessoas na periferia, que matam crianças, matam pessoas que estão lá a viver.

* * *

Canção de treinamento – Polícia Militar de São Paulo

Companhia

Raça, sangue, muita vibração

Esse é o lema da nosso pelotão

Oh, oh. Oh, oh

Oh, oh. Oh, oh

Ah, ah. Ah, ah

Ia, haha.

Ia ha, haha

Raphael

Como em todo negócio, há sempre quem ganha e quem paga. E não é de se espantar que a distribuição da violência siga o itinerário das desigualdades de um país.



Estudos como o Anuário Brasileiro da Segurança, produzido pelo Fórum de Segurança Pública, e o Atlas da Violência, também do Fórum em associação com o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, mostram que as vidas da população negra, com menor escolaridade e de áreas mais pobres, são as que mais se perdem.

Mas também os próprios policiais arcam com esse custo

A polícia no Brasil morre demais. E a maioria dessas mortes ocorre não em serviço, mas durante a folga, quando muitos oficiais realizam trabalhos extras, “bicos” muitas vezes clandestinos. Foram 172 policiais civis e militares assassinados em 2019 de acordo com o último Anuário da Segurança Pública. Dentre estes, 62 foram vitimados em serviço.

Só que a maioria das polícias do Brasil não reconhece a morte de um oficial fora de serviço como algo relacionado a sua condição de policial.

A esse número ainda é preciso somar os suicídios, cuja incidência entre policiais é de mais de 17 por cada 100 mil pessoas, quase o triplo da incidência verificada na população em geral. Foram 91 casos de policiais civis e militares que tiraram a própria vida só em 2019. Ou seja, no Brasil há mais policiais morrendo por suicídio do que no exercício da função. Vale dizer, que esse número vem em ligeira queda.

SUSANA

Não há ninguém que seja ausente de conflitos morais, ninguém está ausente de ter conflitos morais na sua conduta, na sua vida e os policiais também não. Porque assim, quem adoce na polícia, quem se suicida e que são altíssimos os números, não é só porque ser policial é muito estressante, ou porque ser policial é uma atividade de risco, ou porque ser policial implica que você não possa passar os finais de semana com a família, não é disso que nós falamos apenas. Nós estamos a falar também de policiais que sentem dilemas morais profundos em ter que colaborar em ações e em missões onde eles têm que muitas vezes fazer aquilo que eles não acreditam que deva ser feito, eles têm que matar ao invés de por exemplo deter. Ou que eles são levados a viver situações extremas de um certo horror propositado, uma certa vocação do fazer mal.



Raphael

Nessa equação que a gente montou até aqui, pensamos sempre em termos da segurança pública. Mas o mercado privado também faz parte desse jogo.

A oferta de segurança privada tem crescido muito no Brasil nos últimos anos. A variedade de serviços é grande. Desde o policial que faz um bico na sua folga para proteger o mercadinho da esquina, até as empresas com logotipos de animais ferozes que protegem condomínios de luxo.

Palestrante

O mercado de segurança trabalha com três palavras, que é conforto, tranquilidade e proteção. Eu venho com 20 palavras hoje pra você sair desse lugar comum. E são palavras que vão fazer o cliente gastar mais dinheiro, investir mais dinheiro no seu negócio, no seu serviço. Então vamos começar hoje falando das dores. Os clientes não aguen... tem dores que você deve descobrir o remédio. E o remédio é o teu produto, o teu serviço. Hoje vamos falar especificamente de CFTV.

Para a Susana, a ascensão desses serviços privados não se explica só pela ideia de que a segurança pública é falha. Há uma demanda fundamental para se compreender o crescimento desse mercado: a busca pela domesticação da violência.

SUSANA

Ele vai criando outras narrativas, a narrativa da prevenção, a narrativa de se prevenir ao crime, a narrativa de criar bolhas de segurança, "aqui nós não temos crime, o crime está ali na rua, aqui dentro do condomínio não há crime". Mas essas ideias, essas narrativas de domesticação da violência, eu acho que elas têm direta relação com essa também que a polícia está a servir para agir com força, com violência lá nas favelas.

Raphael

Há experiências na segurança privada nas quais o uso da violência é reduzido ao mínimo, com formas de organização e hierarquia que podem servir como modelo, como a Susana já percebeu em suas investigações. Porém, são casos específicos.

Mas boa parte do mercado de segurança privada se sustenta reafirmando desigualdades. E isso fica bem claro no recrutamento de funcionários. O piso salarial da função de vigilante privado é pouco mais do que um salário mínimo no



Brasil. A escolaridade mínima exigida é o quinto ano, antiga quarta série do ensino fundamental.

SUSANA

A maior parte dos vigilantes em termos estatísticos, os vigilantes regulares, os contratados oficiais, a maior parte tem ensino médio completo, só que na concertação social o exigido é quarta série. Para quê? Para baixar os salários.

Raphael

Bem, então talvez a lei deveria ser adequada para prever o aumento dos salários. Mas...

SUSANA

Ai você aumentando os salários, o problema é que também vai aumentar os condomínios, ou você coloca esse serviço como serviço de elite. Esse é o problema, para ter um serviço que seja acessível à classe média e não apenas às elites, ele teve que baixar os salários dos servidores. Então assim a gente tem essa dupla chave, você tem a negociação da violência na segurança pública e você tem a negociação da não-violência na segurança privada, mas com base em outras violências.

Canção de treinamento – Polícia Militar de São Paulo

Invoquei os espíritos da guerra!

Guerreiros samurais combatendo em toda a terra,

Espartanos, troianos, gregos e persas,

Vikings, mongóis, astecas e celtas

Saladino, SunTzu e até Napoleão

* * *

Raphael

Se um policial age às margens da lei, ele não o faz sozinho. Ele é movido por motivações próprias que também se desenham por pressões e expectativas vindas de diversos lados. Se há um desejo de heroísmo, há quem o queira herói, seja a corporação gerida por velhos parâmetros de segurança. Ou o político que precisa investir na lógica de guerra. Ou o cidadão com medo.

Mas esse herói talvez se pareça afinal com aquele porteiro da lei do conto “Diante da Lei” de Franz Kafka. Forte o bastante para se colocar como guardião da lei diante



de um fazendeiro, a quem nunca permitirá a entrada na lei, ele mesmo sabe que é o último dos porteiros, e mal pode suportar a visão dos que estão acima dele.

Esperar transformações neste cenário da segurança pública envolve repensar o valor atribuído a violência como solução, e os custos que ela traz ao país. Isso passa, por um lado, por transformações das polícias e das políticas públicas, desejadas inclusive por muitos policiais

SUSANA

Para muitos policiais que têm consciência moral, para muitos policiais, eu acho que eles gostariam de ser mais bem governados, eles não esperariam só que o governo entrasse para negociar os seus salários. Acho que eles precisariam de uma orientação mais clara sobre o que eles vão fazer. Porque muitos policiais indicam, e às vezes em algumas enquetes isso aparece, que eles se sentem profundamente pressionados pelas chefias que são muito abusadoras também.

Raphael

Mas como a gente viu, não é possível encontrar uma única salvação. Para repensar os sentidos e o papel da segurança num país, é preciso mais do que apenas uma reforma das polícias ou das próprias leis.

SUSANA

Se você não tiver um acordo das próprias elites políticas, que o ideal seria não politizar este campo, deixar este campo ser mais técnico, mais administrativo, mais sério, mais transparente. Isso seria o ideal. Seria não contribuir para que o campo policial seja um campo de disputas.

Se você não explicar a essas elites que negociar a violência dessa forma é um mal para a própria economia, para a própria política, para o desenvolvimento do país, se eles não conseguirem atingir esse nível de racionalidade, eu tenho dúvidas que mesmo mudando constitucionalmente, que transformando a arquitetura, que você consiga interferir no sistema. Porque, de fato, tem esta impressão que esta pressão social e política tem que mudar também em cima, não pode apenas mudar nas próprias corporações policiais. E agora nós vivemos um momento particularmente horrível, em que o retrocesso dessa racionalidade. Digamos assim, o retrocesso dessa racionalidade - que poderia ser uma



racionalidade comum, democrática - essa racionalidade não está presente para muitas das dimensões da vida social, talvez ainda menos para essa dimensão que é carregada de simbologias, de poder, de exibição da soberania.

* * *

Racionais – A Praça

Uma faísca, uma fagulha, uma alma insegura

Uma arma na cintura, o sangue na moldura

Uma farda, uma armadura

Um disfarce, uma ditadura

Um gás lacrimogênio e algema não é a cura, é luxúria

Essa foi mais uma edição do Diálogos Mecila. Eu agradeço muito a Susana Durão, professora de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas e nossa Senior Fellow aqui no Mecila em 2020, pela nossa conversa.

Confira a página deste episódio no site do Mecila. Você encontra uma série de materiais extras que fizeram parte da pesquisa desse episódio. Entre eles, alguns artigos da professora Susana Durão. Todos esses materiais tem acesso aberto.

O Dialogos Mecila é uma produção do Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America. Nossa equipe de São Paulo é formada por Jörg Klenk nosso coordenador científico. Joaquim Toledo Júnior, editor científico. Melanie Metzen, coordenadora de comunicação e eventos. Marina Falcão Motoki, assistente de projeto. Gustavo Diniz, que realiza o apoio de produção. A produção sonora e edição são de Gil Fuser. E eu sou Raphael Concli, faço a pesquisa, entrevistas, roteiro e apresentação deste podcast.

Até mais ouvir.